

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

O MUNDO E O OCIDENTE SEGUNDO TOYNBEE.

EDMUNDO M. GENOFRE

De Arnold J. Toynbee, o grande historiador inglês, a Companhia Editôra Nacional, em tradução do sr. Breno Silveira possibilita a leitura de *O Mundo e o Ocidente*, feixe de conferências pronunciadas em 1952 na BBC de Londres.

Com as suas magníficas qualidades de exposição e com o seu extenso conhecimento histórico, Toynbee nos transmite a sua lição e a sua profecia para a hora grave e inquieta que desde alguns anos estamos atravessando.

Começa por ensinar que o mundo sempre foi a vítima infornada do Ocidente. Através de tôda a História o que se verifica é o Ocidente planejando ou realizando uma diabólica invasão armada ou cultural, esta sob as mais variadas formas, desde as de caráter religioso até as de caráter econômico ou de assistência técnica. Mostra então que o mundo para sobreviver teve que optar por uma destas atitudes: murar-se na retração nacionalista ou capitular-se na ocidentalização, arcando, em qualquer delas, com as conseqüências inerentes à opção. A primeira daria naquilo que os ingleses com a teoria da inalienável lealdade — *once a Britisher always a Britisher* — chamam de *jingoism*, que os norte-americanos com a premissa do *American way of life* também chamam de *jingoism* ou ainda mais estreitamente de *bigotry*, embora desenvolvam para uso externo famosas doutrinas internacionalistas e universais; que os israelistas chamam de *sionismo*, os franceses de *chauvinismo*, a Espanha, com a sua ideia *misional* de *hispanidad*, que os gregos chamavam de *xenofobia* e que os romanos designavam por *romanitas*, privando assim de tôda proteção legal ao estrangeiro que viesse viver no *ager romanus*, considerando seus bens *bona nullius* e dêste tratamento rigoroso, só aos *hospes* ou aos *chins* os excluíam, que os italianos de hoje conheceram sob o rótulo de *fascismo*, e quer tenha êste ou qualquer outro nome, o mundo todo o conhece como nacionalismo. Sentimento êste que se manifesta sob a nuance ou mesmo roupagem política, econômica ou religiosa e que como todo sentimento tem também as suas

fases exasperadas, ativas, mediócras ou dormentes, mas que de um modo ou de outro sempre existiu ou existe onde haja um povo ou uma raça cujos interesses, fundamentos ou motivos devam ser preservados ou protegidos da usurpação ou da simples ameaça de usurpação no processo competitivo internacional.

Denuncia o Ocidente que invadiu a Rússia em 1610, 1709, 1812, 1915 e 1945, sendo que neste mesmo período, embora em datas diferentes também a Ásia, a África e América foram invadidas; a Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Oriental ocupadas definitivamente, ocorrendo ademais sacramentado pelas lutas papais e pelos *asientos*, o mais pavoroso crime da História: o tráfico escravo africano para as plantações das Américas e áreas de colonização. E a este impacto, a reação do mundo explodiu: em cada território nacional ergueram-se os fortes defensivos e latejou nas veias não só dos líderes, mas também dos liderados os princípios internacionalistas de Grotius e assim os que ardiam pela paz se preparavam para a guerra: *si vis pacem, para bellum!*

Algumas dessas tôrres bélicas estavam perfeitamente equipadas à maneira ocidental, graças ora ao gênio de um Pedro-o-Grande, que foi à Europa, como simples operário aprender com segurança a arte e a eficiência tecnológicas do Ocidente; ora a um Mehmed Ali Pasha, do Egito que transportou para a sua terra uma colônia de técnicos estrangeiros para a modernização do exército, carregando também uma maternidade que revolucionou os costumes e apressou a mudança cultural e ambos êstes déspotas esclarecidos foram imitados por uma dúzia ou mais de outros chefes nacionais. Uns, pregavam a defesa rechassando tôda e qualquer forma de invasão cultural, como Gandhi, ao afirmar a seus patrícios que a introdução dos teares ingleses na Índia significava não apenas a derrota da indústria indígena, mas a da própria alma; outros, sem muitos preâmbulos, à maneira fanática do régulo sudanês Muhammad Ahmad, em seu zêlo pela preservação do sistema de vida tradicional. Apesar de tôdas as medidas defensivas, sob as mais variegadas modalidades, o que a História nos mostra é que os acontecimentos não se detiveram e entre as nações os conquistadores misturavam-se aos conquistados e, muito embora permanecessem os organismos nacionais, êles apareciam não em sua constituição primitiva e original, mas mesclados das mais variadas influências.

Aí então o historiador nos oferece o belo capítulo indispensável para qualquer estudioso do assunto ao focalizar a psicologia dos contendores e ao revelar teòricamente como “o raio cultural de uma ci-

vilização radioativa atinge um organismo social estrangeiro” à feição do que se passa em ótica. Este é precisamente o estudo daquilo que se intitula de invasão cultural, na qual os elementos triviais e aparentemente insignificantes, como teoriza, são os decisivos, são os que mais facilmente penetram no organismo social estrangeiro e o minam, e o contaminam e o exaurem e o debilitam e o aniquilam. Existem civilizações mortas porque as suas populações desapareceram mas também existem civilizações mortas com populações ainda vivas, porém modificadas e em tudo por tudo diferente da original. São porém inconfundíveis ao diagnóstico histórico que relaciona as causas com os efeitos e dêste nexos tira a conclusão. Por ai se sente como é perigosa e insidiosa a invasão cultural, pois o povo não atende ao líder que o procura esclarecer, preferindo caminhar de olhos vendados para a morte, impellido pela fatalidade que o castigará inexoravelmente.

Já o elemento crucial, como por exemplo seria a invasão armada, desperta maior reação e desde os poetas até os soldados querem dar o sangue em holocausto à Pátria, porisso esta forma de invasão nunca se deu pacífica e incruentamente. E nela que o Libertador encontra o mais sólido apóio para cumprir a sua missão e se tornar venerado. E’ estúpida a invasão armada, não apenas pela carnificina e destruição que acarreta, mas estúpida em seus objetivos, sobretudo quando comparada com a invasão cultural que obtém resultados muito maiores com sacrifícios muito menores.

Mas contemplando a história greco-romana Toynbee procura extrair dela uma lição, embora não esperando que a História se repita tal qual, mas através desta experiência, formulando uma profecia: a de que aquêle que tiver maior cultura, com maior capacidade de influenciar será o vencedor. Escreve:

“Eis, aí, pois, o último capítulo entre o mundo e os gregos e romanos. Depois de os gregos e romanos terem conquistado o mundo pela força das armas, o mundo transformou em cativos os seus conquistadores, convertendo-os a novas religiões que dirigiam a sua mensagem a tôdas as almas humanas, sem fazer distinções entre governantes e súditos, ou entre gregos, orientais ou bárbaros. Acaso algo semelhante a êste desfêcho da história greco-romana irá ser re-escrito na história inacabada do encôntro do mundo com o Ocidente?”

Ao leitor, lembrando a lei do *corsi e ricorsi* de Vico, em homenagem, deixamos a resposta à interrogação e lhe sugerimos a leitura amena e ao mesmo tempo tão séria de *O Mundo e o Ocidente*, pois na hora que passa e nos dias que virão, nenhum de nós, por mais que

entendamos de diagnosticos tem certeza absoluta, de como findará o jôgo e que peças restarão de pé no xadrez internacional. Para os apaixonados dêstes assuntos de alta indagação histórica, tanto quanto de vital interêsse, o conhecimento e a imaginação profética de Arnold Toynbee, aliados à sua perfeita cognição dos fastos e anais memoráveis, interpretados por sagaz intuição, que é uma espécie de sexto sentido, segundo Nietzsche, citado por Lionel Trilling, no seu ensaio, *The Sense of the Past*, são os melhores mestres.